

Análise da prática interdisciplinar do Programa Bons Vizinhos a partir da inteligência coletiva e das representações da virtualização e cibercultura no II

Fórum Comunitário do Gengibre¹

Lyzlane VASCONCELOS²

Diego CAVALCANTE³

UniFanor| Wyden, Fortaleza, CE

RESUMO

O propósito desse artigo é entender como o Programa de Extensão Interdisciplinar Bons Vizinhos desenvolve sua prática interdisciplinar a partir do conceito de inteligência coletiva e se interliga as características da virtualização dentro do contexto da cibercultura, seguindo as abordagens propostas por Pierre Lévy. Para isso será analisado a ação “II Fórum Comunitário do Gengibre” desde o surgimento da ideia até sua realização. Na aludida atividade percebe-se que a tecnologia e suas formas de conexão facilitada o desenvolvimento de um movimento social e potencializa a interdisciplinaridade.

PALAVRAS-CHAVE: Bons Vizinhos; fórum; virtualização; inteligência coletiva; cibercultura.

INTRODUÇÃO

Desde 1970, pesquisadores voltados a educação discutem o conceito da “interdisciplinaridade”. Embora o movimento não possua uma única teoria, ele surgiu devido aos muitos desafios que encontram-se no mundo globalizado, em que a educação

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior - XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UniFanor, e-mail: lyzlane@outlook.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em ciências da Comunicação (USP). Professor do Curso de Jornalismo da UniFanor, e-mail: diegoemiotica@gmail.com

tem manifestado a necessidade de romper com os modelos tradicionais de ensino, levando em consideração que o currículo formal dificulta a aprendizagem do aluno e não estimula o conhecimento, como assim dispõe MORIN (2000,p.45) quando diz que “O parcelamento e a compartimentação dos saberes impedem apreender o que está tecido junto”.

A abordagem acredita que o aprendizado necessita estabelecer uma relação de interação entre disciplinas e o diálogo entre a teoria e a prática para que seja estimulado o desenvolvimento da inteligência, autonomia, conhecimento e reciprocidade, possibilitando a resolução de problemas. Pois, segundo Fazenda (2006, p. 49), integrar conhecimentos significa apreender, disseminar e os transformar. Para ela, a interdisciplinaridade é uma nova forma pedagógica capaz de identificar o vivido e o estudado, de construir conhecimento a partir da relação de múltiplos e variadas experiências.

Com base nesse pensamento de interdisciplinaridade, foi constituído o Programa de Extensão Interdisciplinar Bons Vizinhos, ligado ao Centro Universitário Unifanor| Wyden. A iniciativa é formada por equipes de vários cursos de graduação que realizam atividades conjuntas com ênfase no compromisso social, ético e político, junto à comunidade do Gengibre, localizada em Fortaleza - Ceará. No início, em 2012, o programa foi criado para que alunos pudessem desempenhar ações voltadas para a saúde coletiva, mas com passar dos anos surgiu a necessidade de encaixar outras áreas de atuação como psicologia, educação física, comunicação social, direito, arquitetura e urbanismo, enfermagem, nutrição e fisioterapia para suprir a demanda da comunidade e assim gerar uma grande equipe interdisciplinar, que além de exercitarem seus aprendizados, trabalham juntos em prol de uma sociedade.

O programa defende a abordagem de Frigotto (1995) que diz que “a interdisciplinaridade é muito mais do que a compatibilização de métodos e técnicas de ensino, é uma necessidade e um problema relacionado à realidade concreta, histórica e cultural, constituindo-se assim como um problema ético-político, econômico, cultural e epistemológico”. Com base nesse conceito percebe-se que esse compartilhamento de ideias é fundamental para sociedade e formação de um profissional, pois como propõe Follari (1995) “a interdisciplinaridade pode ser tomada como uma possibilidade de

quebrar a rigidez dos compartimentos em que se encontram isoladas as disciplinas dos currículos escolares”.

O Bons Vizinhos abre espaço para que estudantes exercitem o que aprendem dentro de sala, trabalhem em equipe, tenham proatividade, empatia e responsabilidade. Além disso, é uma fonte de pesquisas acadêmicas e incentiva os alunos a participarem de mostras científicas, congressos e eventos, fortalecendo não somente o caráter pessoal, mas também o profissional.

Contudo, dentro da extensão, os estudantes possuem além da prática, o objetivo de trabalharem unicamente para atender as carências do Gengibre e se posicionarem perante as dificuldades das pessoas. Não de forma assistencialista, mas como agentes transformadores. Na prática, os grupos divididos nos eixos criança e adolescente, família, visibilidade, cidadania e direitos humanos se reúnem semanalmente em reuniões de núcleo para debaterem ações sociais que serão desenvolvidas aos sábados no Gengibre: uma comunidade localizada na circunvizinhança da Unifanor que caracteriza-se por apresentar muitas vulnerabilidades no contexto social, cultural e econômico, dentre as quais se destacam: a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, o baixo nível de escolaridade e a baixa empregabilidade no mercado formal de trabalho.

Mediante esses conceitos, o desafio do estudo é entender como o Bons Vizinhos desenvolve sua prática interdisciplinar a partir do conceito da inteligência coletiva e se interliga as características da virtualização dentro do contexto da cibercultura seguindo as abordagens propostas por Pierre Lévy. Tomaremos como objeto de análise, a ação intitulada “II Fórum Comunitário do Gengibre” realizado em 30 de março de 2019 com objetivo de reunir a comunidade para discutir as potencialidades, fragilidades e as principais demandas do Gengibre, para que pudesse ser estreitado o vínculo com as pessoas e definir estratégias e ideias para novas ações.

O evento contou com uma acolhida em forma de cortejo pelas ruas da área, espaço que reuniu os moradores para discutirem sobre a comunidade, exposições de fotos de ações anteriores, mural “o que o Gengibre representa para mim”, prestações de serviços jurídicos, redução de danos (saúde e fisioterapia) e atividades educacionais com as crianças (contação de histórias, pintura facial e criação de teatro de sombras). Todo o evento teve cobertura fotográfica e desde as reuniões de planejamento até o dia da atividade o passo a passo da organização e aplicação do evento foi publicado nas redes

sociais do programa: Instagram e Facebook, promovendo uma interatividade e linha de raciocínio informacional de tudo que ocorreu durante o processo do movimento interdisciplinar.

Referencial Teórico

1.1 Virtualização

Para iniciar esse tópico é importante ressaltar que o virtual é tão existente quando o real. Lévy(1996) entende que a virtualização não pode ser resumida pela digitalização pois ela é apenas uma expressão do virtual que está em nosso cotidiano devido as tecnologias. Contudo, para entender a virtualização, deve-se partir do pressuposto do que é o virtual, portando, em definição: a palavra “virtual” vem do latim medieval “*virtualis*” que significa força, potência.

De acordo com, Pierre Lévy, o virtual é o desconectado, não representado. Algo que ainda não foi virtualizado e não se assemelha com nada dos esquemas de reconhecimento que funcionam de forma icônica. É simplesmente uma potência e não um ato. Ele tende a atualizar-se sem passar pela concretização efetiva ou formal, além de não se opor ao real, mas ao atual, como diz o autor “virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (Lévy, 1996, p.5). O pesquisador explica que:

A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular. (Lévy, 1996, p.7)

O virtual entende-se como função pura que se caracteriza como um diagrama que perpassa todos os processos criativos e está antes das qualidades e dos contextos materiais, em que pode ser entendido como o fundamento virtual das possibilidades de relações. O virtual se atualiza.

Contudo, a virtualização é a desconexão espaço-tempo, uma produção de novas velocidades, percepções e estéticas, em sintaxe: “O virtual é um processo de transformação de um modo de ser num outro” (Lévy, 1996). Nesse contexto, entende-se que quando algo é virtualizado para a internet por exemplo, ele se desterritorializa, deixa de ser presente no ambiente real e passa a existir também no virtual sofrendo uma atualização que se desprende do aqui e agora em busca de resolver um problema. Segundo Lévy:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. (Lévy, 1996, p.21).

Lévy (1996) explica que o virtual pode ser composto por: agenciamento (um funcionamento de linhas que organizam o desenvolvimento de um território); atualização (quando o ser passa a ser virtualizado e sofre uma desterritorialização); virtualização (produz novas formas de expressão para resolução de uma problemática).

O pensador define ainda que a virtualização possui as seguintes características: território (classificado como o habitual, o comum); êxodo ou moebius (quando existe uma passagem do interesse original do interior para o exterior, ou seja, é a saída do território habitual em que se cria novos espaços); percepção (quando a ideia é virtualizada e ganha um novo sentido); heterogênesse (aqui se cria uma nova forma e uma nova relação de aspectos que foram virtualizados).

Por fim, (Lévy, 1996, p.25) diz que “a virtualização é sempre heterogênesse, devir outro, processo de acolhimento da alteridade”.

1.2 Inteligência Coletiva

Pierre Levy (2003) defende que todos os indivíduos possuem uma inteligência acumulada por meio de experiências vividas e, portanto, todos podem oferecer determinado conhecimento. Nessa lógica, entende-se que as pessoas podem compartilhar suas vivências e contribuir para uma interação social, ou seja, a inteligência coletiva é

aquela que se distribui entre a sociedade e não está restrita para poucos privilegiados. Ela, “é uma inteligência distribuída por toda parte, na qual todo o saber está na humanidade, já que, ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa” (LÉVY, 2007, p. 212). O autor explica em seu livro “A Inteligência Coletiva” que:

O problema da inteligência coletiva é descobrir ou inventar um além da escrita, um além da linguagem tal que o tratamento da informação seja distribuído e coordenado por toda parte, que não seja mais o apanágio de órgãos sociais separados, mas se integre naturalmente, pelo contrário, a todas as atividades humanas, volte às mãos de cada um.(Lévy, 2007, p.17).

Desta forma deve-se considerar as diversas inteligências e encontrar um contexto em que os saberes de cada cultura possam ser reconhecidos e valorizados com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de um grupo, coordenando as ideias em tempo real e fazer com que elas se afetem para solucionar problemas. Pois, como afirma o autor: “A inteligência coletiva só tem início com a cultura e cresce com ela”.(LÉVY, 2000, p. 31).

Para o filósofo, a inteligência é um diálogo individual devido as experiências próprias; social por caracterizar uma hierarquia e possuir trocas de poderes; cultural pela formação de repertórios sociais; político por meio dos modos de organização; E tecnológico pois promove o perceber, o pensar e o agir; por último, ela também é econômico cognitivo, pois trata-se do ambiente em que se desenvolve a inteligência coletiva, onde há o compartilhamento dos saberes.

Lévy (2000), parte de alguns aspectos básicos da inteligência coletiva que são: uma inteligência distribuída por toda parte (nesse primeiro momento se reconhece as diversas inteligências); é incessantemente valorizada (depois de reconhecer, necessita de uma valorização dos tipos de cultura); coordenação das inteligências em tempo real (nessa etapa as ideias são coordenadas e afetadas); atingir uma mobilização efetiva das inteligências (as ideias se associam para resolver uma problemática).

Tal abordagem está relacionada diretamente a era tecnológica e aos novos meios de comunicação. Pois como explica (Levy, 2000), os intelectuais coletivos só podem se reunir em um mesmo ambiente por meio da mediação das tecnologias. Tendo esse aparato, os saberes dos indivíduos podem estar em sinergia no chamado ciberespaço que permite que as pessoas se mantenham interligadas em qualquer local onde estejam, perto ou longe uma das outras.

É no ciberespaço que a inteligência coletiva é potencializada e as formas de conexões entre indivíduos e troca de conhecimento acontecem, proporcionando uma democratização da informação e revezamento de poderes. As ideias são virtualizadas e conectam-se a outras inteligências se transformando em um conhecimento coletivo em que as pessoas podem lançar propostas, refutar, expressar-se e gerar discussões acerca de determinado problema ou um objeto que interliga as inteligências. Por isso, “a inteligência do todo não resulta mais mecanicamente de atos cegos e automáticos, pois é o pensamento das pessoas que pereniza, inventa e põe em movimento o pensamento da sociedade”. (Lévy,2007, p. 31).

1.3 Cibercultura

Com o advento das novas tecnologias os processos comunicacionais foram se modificando e as relações foram condicionadas por um novo espaço de comunicação que tem fomentado o surgimento de novas práticas, atitudes, modos de pensamentos e valores dentro de um contexto de conexões chamado de ciberespaço: uma grande rede de informações. Para falar sobre esse conceito, Pierre Lévy explica que:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (Lévy, 1999, p.17)

Para Lévy, a cibercultura define-se como o surgimento de um novo universo que promove a interconexão generalizada, mas que também compõe a diversidade dos sentidos, os saberes e dissolve a totalidade. Ela é um conjunto de crenças, atitudes e perspectiva que se desenvolve a partir da tecnologia. A cibercultura é uma interconexão que constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, que apesar de ampla é fonte de heterogeneidade e diversidade de assuntos, discussões e está em constante renovação. Não difere da cultura, mas faz parte dela. “A cibercultura expressa o surgimento de um

novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer” (LÉVY, 1999, p. 15)

A cibercultura se caracteriza por: interconexão (quando as pessoas se conectam entre si pela as redes); comunidade virtual (ocorre depois das inteligências se conectarem. Os indivíduos se juntam e formam grupos de interesses e afinidades); inteligência coletiva ou cooperação competitiva (parte do momento em que as diversas inteligências começam a ter suas ideias potencializadas e afetadas, proporcionando a discussão de um problema e a busca para tentar resolvê-lo. É uma possibilidade ampla de compartilhamento de ideias).

A cibercultura pode ser entendida por dois aspectos: o primeiro é o de ampla interconexão entre as mentes que gera a potencialização da inteligência coletiva, ou seja, um meio em que as diversas ideias podem se conectar e serem afetadas. Nesse momento as inteligências são colocadas em vários polos de poder que se revezam facilitando a discussão de um assunto em busca de uma solução para um determinado problema.

O resultando disso é a construção de uma área democrática no ciberespaço que permite “a cada um contribuir de maneira contínua para a elaboração e o aperfeiçoamento dos problemas comuns, para a abertura de novas questões, para a formulação de argumentos, para enunciar e adotar posições independentes umas das outras sobre grande variedade de temas (LÉVY, 2000, p. 65).

O segundo aspecto é o digital que proporciona o respaldo das conexões permitindo o compartilhamento, a manipulação das informações e a facilidade dos acessos, das relações e compreensões por meio de sua linguagem binária. Pierre Lévy explica que:

As bases de dados [digitais], sistemas especialistas, tabuladores, hiperdocumentos, simulações interativas ou outros mundos virtuais são potenciais de texto, de imagens, de sons ou mesmo de qualidades táteis que situações específicas atualizam de mil maneiras. O digital reencontra assim a sensibilidade ao contexto das tecnologias somáticas [presença efetiva do corpo vivo como, por exemplo, as performances ao vivo como dança e canto], ao mesmo tempo em que conserva a potência de gravação e de difusão da mídia [fixam e reproduzem as mensagens assegurando-lhes o maior alcance e difusão no tempo e espaço mesmo quando da ausência do corpo vivo](LÉVY, 2000, p. 53).

Outra característica da Cibercultura é a interatividade, que segundo (Lévy, 2000) assinala muito mais um problema, a necessidade de um novo trabalho de observação, de concepção e de avaliação dos modos de comunicação, do que uma característica simples

atribuída a um sistema específico. Esta abordagem possibilita a apropriação e manipulação da mensagem recebida e gera uma reciprocidade da comunicação. As pessoas podem se conectar e interagir livremente de acordo com suas percepções.

É importante ressaltar que a cibercultura baseia-se também no diálogo (a capacidade de projetar-se para o lugar do outro e produzir um senso comum); comunicação (quando as pessoas se interligam por meio das redes); informação (tratada como moeda de troca, um conjunto de dados e hierarquização do uso coletivo).

II Fórum Comunitário do Gengibre

Tudo iniciou com uma simples ideia sugerida no grupo do WhatsApp do Programa de Extensão Interdisciplinar Bons Vizinhos (BV) que foi discutida no âmbito virtual e trazida para reuniões de planejamento onde foi consolidada e passou a ser uma meta de ação social intitulada “II Fórum Comunitário do Gengibre”.

É a partir desse primeiro momento que esta análise irá se desenvolver. Primeiro porque ela já caracteriza a ideia de interdisciplinaridade desempenhada pelo grupo de extensão e segundo porque tal abordagem está diretamente ligada ao conceito de inteligência coletiva e se associa a virtualização dentro do contexto da cibercultura.

Tudo isso pode ser explicado por meio dos conceitos trabalhados por Pierre Lévy. E tendo com base o referencial teórico que trata as abordagens do autor, percebemos que o Bons Vizinhos na íntegra, contempla todas as características de uma inteligência coletiva: é um grupo de pessoas de diferentes segmentos que unem-se para debaterem e solucionarem os problemas enfrentados pela comunidade do Gengibre e pelo próprio programa.

O que ocorre nesse ponto de vista, pensando em um contexto geral, é que essa interdisciplinaridade pode ser entendida como um tipo de inteligência coletiva em que as várias mentes presentes no BV estão sendo trabalhadas no âmbito real, mas ainda não foram virtualizadas para um ciberespaço.

Porém, a forma como a ação analisada foi efetivada, expressa bem as noções já trabalhadas, porque houve uma virtualização de uma ideia levando em consideração a lembrança do primeiro fórum realizado na comunidade, ou seja, a lembrança saiu do seu território (mente) sendo recortada e lançada no WhatsApp (moebios) onde ganhou um

novo sentido (percepção) ao ser virtualizado para o ambiente do ciberespaço gerando uma heterogênesse: um novo produto baseado em uma função pura que com as novas percepções se transformou na ação “II Fórum Comunitário do Gengibre”.

A cibercultura permeia também esse momento, pois para que a heterogênesse acontecesse os membros do grupo estiveram que estar conectados uns aos outros (interconexão) pelo um aplicativo de bate-papo, ou seja, estavam interconectados no que Lévy chama de “comunidade virtual”. Esse engajamento possibilitou uma discussão sobre a ideia já virtualizada caracterizando assim uma inteligência coletiva, onde as várias mentes das pessoas do grupo foram afetadas gerando debates em prol da resolução de um problema: a organização e realização de um novo fórum comunitário.

Depois do debate de ideias virtualmente, motivou-se um segundo passo: a organização da atividade. Nessa etapa percebemos que a interdisciplinaridade passou a ser potencializada, pois a partir do momento que houve um movimento de estruturação do que poderia ser a ação, o grupo se dividiu em vários blocos com pessoas de formações acadêmicas diferentes para definirem e organizarem as possibilidades de intervenções durante o fórum.

Pode-se compreender que quando os grupos foram divididos, prevaleceu a interdisciplinaridade e por tanto, novamente, a inteligência coletiva, pois os envolvidos eram estudantes de diversas disciplinas que com suas experiências de sala de aula puderam colocar em prática seus conceitos, que depois de expressados em reuniões, foram afetados e sofreram uma junção de saberes que resultaram na consolidação de um movimento social.

Entende-se que com os grupos, houve um revezamento de poderes em que todas as inteligências foram distribuídas por toda parte sendo ouvidas e valorizadas, possibilitando a coordenação dos pensamentos em tempo real e gerando uma sinergia que levou ao alcance da mobilização efetiva das inteligências.

Outro aspecto da organização que foi importante para a análise, é que toda essa interdisciplinaridade foi virtualizada para o ciberespaço, utilizando agora o Instagram do Bons Vizinhos como uma comunidade virtual para compartilhar o processo da organização do fórum com outras pessoas. Em cada reunião de núcleo foi tirada uma foto da equipe e publicada no perfil do BV com informações de texto referente ao que

aconteceu durante as reuniões. Ao todo foram quatro publicações sobre a organização.

Veja:



Figura 1: Postagem sobre a reunião de planejamento

Figura 2: Postagem sobre o planejamento de divulgação do fórum

Figura 3: Postagem sobre o início da divulgação do fórum

Figura 4: Postagem sobre a reunião de núcleo

Pode-se entender a virtualização em dois momentos: a primeira é que as reuniões que caracterizavam uma inteligência coletiva foi virtualizada do real para o virtual. O contexto dos encontros que era o território habitual foi modificado do ambiente físico para o perfil do Instagram por meio da fotografia, ou seja, com a imagem retirada foi possível o recorte de um momento interdisciplinar que ganhou um novo sentido quando a foto foi publicada, resultando em um produto informacional sobre o processo de organização do fórum.

O segundo aspecto aponta para o texto utilizado na postagem que reflete o ocorrido no momento das reuniões e mostra um passo a passo do que estava sendo feito ou do que seria feito no processo de consolidação do II Fórum Comunitário do Gengibre. De acordo com as abordagens de Lévy, essa construção textual pode ser entendida como uma virtualização da memória, ou seja, foi preciso uma desterritorialização da lembrança do encontro para que ela fosse passada para a postagem com o propósito de informar. Essa virtualização resultou em uma recriação da memória e uma nova construção de sentido transformando a linguagem em um produto informacional com características de um lead jornalístico. Em síntese: a memória foi desterritorializada, depois passou pelo recorte do que era considerado importante (o encontro interdisciplinar), logo essa função pura foi juntada com as características da linguagem jornalística e gerou uma heterogeneidade (uma postagem que traduz um momento que ocorreu na realidade e traz uma informação).

Tudo isso se associa a cibercultura pois os produtos foram virtualizados no ciberespaço, utilizaram a interconexão e a comunidade virtual, e ainda promoveram também uma interação (característica da cibercultura) que resultou em uma reciprocidade da informação, apropriação e manipulação da mensagem recebida, quantificada em pelo menos 120 curtidas e em média seis comentários por postagem.

Por fim, o terceiro aspecto a ser analisado é o da realização do fórum, que ocorreu em 30 de abril e contou com as seguintes atividades e serviços: reunião com os moradores, atividades lúdicas para as crianças, cortejo, mural, medida de pressão arterial, massagens, orientações jurídicas e exposição fotográfica.

Nessa etapa, percebe-se que a inteligência coletiva novamente é vista em um contexto interdisciplinar que na hora da realização da ação não estava mais associada a teoria e nem a mobilização da organização da ideia, mas na prática de tudo que foi discutido nos ambientes físicos e virtuais. Nesse momento todos os extensionistas de diferentes cursos exerceram em níveis de poderes, representados pelos polos das várias atividades, a sua vocação acadêmica e as novas habilidades que foram formadas devido a junção das inteligências durante as reuniões de núcleo.

Ainda assim, uma nova inteligência coletiva foi formada com a realização de um bate-papo com a comunidade durante o fórum, que agrupou moradores e representantes da região para discutirem as potencialidades e fragilidades do Gnegibre. Nesse contexto as inteligências da comunidade e as do Bons Vizinhos foram conectadas no âmbito físico, sofreram impactos e resultou em novas ideias de ações que poderão ser desenvolvidas na área para amenizar um determinado problema exposto pela própria população.

Na ocasião, percebemos que a virtualização e a cibercultura também estava envolvida, pois a todo tempo os integrantes do projeto estavam utilizando seus celulares e os ambientes virtuais para divulgar e mostrar a realização da ação. Tendo como base os conceitos de Lévy, podemos entender que a tecnologia faz parte da cultura do Bons Vizinhos e auxilia na formação de uma ação. A partir do momento em que os extensionistas estão com os celulares na mão, inicia um processo de virtualização, pois a ação que está sendo registrada é desterritorializada do físico e passa a ser um recorte da realidade no ciberespaço.

Dentro desse campo virtual os saberes são conectados e apesar de não gerar em si uma inteligência coletiva, promove uma interatividade não só com os participantes que estão vivendo a ação no momento em que publicam storys ou fotos, mas com o público externo que também está conectado e recebendo as informações gerando novas percepções do produto virtualizado. Contudo, pode-se entender que a virtualização por meio da cibercultura potencializou a vivência interdisciplinar e por sua vez, a inteligência coletiva do Bons Vizinhos e da comunidade do Gengibre formando uma grande rede de informações. Os produtos gerados por tal virtualização foram fotos e vídeos publicados nos storys do Instagram e duas postagens mostrando como foi o evento também no perfil. Observe as imagens:



Ver informações

Promover



Curtido por **afraniosecond** e outras **134** pessoas

bonsvizinhosunifanor O II Fórum Comunitário do Gengibre foi bastante produtivo. 🙌

As atividades foram intercaladas entre os alunos da Saúde, Gestão de Negócios, Arquitetura e Urbanismo, Direito e Comunicação. ❤️

Figura 5: Postagem de agradecimento pela realização do fórum



Ver informações

Promover



Curtido por **afraniosecond** e outras **131** pessoas

bonsvizinhosunifanor O II #FórumComunitárioDoGengibre ocorreu no último sábado, 30 de março.

A programação contou com cortejo musical, exposição de fotos, mural, atividades para crianças e adolescente, prestação de serviços com os extensionistas e principalmente, muito diálogo. 🙌

Figura 6: Postagem explicando o que ocorreu no evento

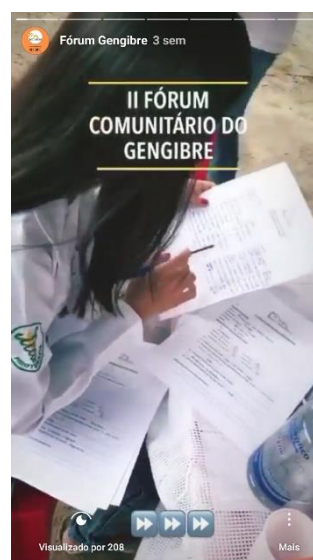


Figura 7: Story mostrando o fórum comunitário

Podemos entender os posts referentes as figuras 5 e 6 da mesma forma como analisamos as publicações que representavam a organização do fórum, pois a divulgação na rede social se deu por meio de imagens e textos que podem ser definidos como uma virtualização da realidade e demonstração do carácter interdisciplinar da extensão, além do texto ser uma virtualização da memória com a junção da linguagem jornalística que forma o sentido da recriação do real para o virtual, e o carácter informacional por meio da heterogeneidade.

Diferente das postagens, a figura 7 mostra a virtualização do evento no momento real por meio dos storys no Instagram. A utilização dessa plataforma potencializa também

a interdisciplinaridade, pois a inteligência coletiva está sendo virtualizada em uma grande velocidade para o ciberespaço e utilizando o recurso digital por meio das fotografias e vídeos para tornar o compartilhamento das informações de forma simples de ser entendida e disseminada para outras comunidade virtuais.

Além disso esse formato também facilita os acessos que poderam ser percebidos durante a ação quando o público que estava vendo os storys começaram a interagir com o perfil, comentando e fazendo menções do BV em suas próprias páginas, ou seja, essa facilitação do acesso as virtualizações também estreitou as relações permitindo a transformação do conteúdo e manipulação do mesmo. Ao todo, foram registradas 32 interações entre comentários e menções ao Bons Vizinhos nos storys com uma média de 200 visualizações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação das teorias de Pierre Lévy na ação “II Fórum Comunitário do Gengibre” permitiu entender como o Programa de Extensão Interdisciplinar Bons Vizinhos desenvolve a prática interdisciplinar a partir da inteligência coletiva e se virtualiza no contexto da cibercultura. Todos esses conceitos analisados na atividade leva a compreensão de que as tecnologias facilitam a organização e realização de uma ação social fomentando o bem comum, a responsabilidade social e potencializando o ensino interdisciplinar.

Poder-se-ia compreender que a interdisciplinaridade do Bons Vizinhos é um tipo de inteligência coletiva que reúne estudantes de várias áreas de atuação dando-lhes autonomia para expressar suas experiências acadêmicas e de vida. Essa troca de vivências proporciona uma valorização das diversas correntes de pensamentos por meio de um revezamento de poder resultando no choque das inteligências, que através de debates, buscam a solução de uma problemática. Entende-se ainda, que o aspecto interdisciplinar é potencializado quando as ações passam a ser motivadas dentro das comunidades virtuais como WhatsApp. Depois de consolidadas passam a ser também virtualizadas do âmbito real para o virtual, dando novos sentidos ao ensino e a prática interdisciplinar no Instagram, por meio da interconexão e do uso digital. Tudo isso, forma uma grande rede

de saberes, conexões e interatividade, em prol da realização de ações sociais que visam o desenvolvimento e amenização das fragilidades da comunidade do Gengibre.

REFERÊNCIAS:

FAZENDA, I. C. A. (1994) Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Campinas, Papirus.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2006.

FAZENDA, I.C.A. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia ?. São Paulo, Loyola, 1979.

FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: BIANCHETTI, L., JANTSCH, A. Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes. 1995^a.

FOLLARI, R. A. Algumas considerações práticas sobre interdisciplinaridade. In: BIANCHETTI, L., JANTSCH, A. Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes. 1995.

LÉVY, P. Abrir o espaço semântico em prol da inteligência coletiva. Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 129-140, jan./jun. 2007.

LÉVY, Pierre. A Inteligência Coletiva: por uma Antropologia do Ciberespaço. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LÉVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

LÉVY, P. Cibercultura. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, Pierre (1996). O Que é Virtual? Rio: Editora 34.

LÉVY, P. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TEIXEIRA, O. A. (2004) "Interdisciplinaridade: problemas e desafios", In *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, n. 1: 57-69.